

Era uma vez: a moral da estória.

Capítulo 2 de *Woman Hating*

Fuck that to death, the dead are holy,
Honor the sisters of your friends.
Pieces of ass, a piece of action,
Pieces.
The loneliest of mornings
Something moves about in the mirror.
A slave's trick, survival.
I remember thinking, our last time:
If you killed me, I would die.
Kathleen Norris
I cannot live without my life.

Emily Bronte

As lições são simples e as aprendemos bem. Homens e mulheres são diferentes, absolutamente opostos. O príncipe herói não pode nunca ser confundido com a Cinderela, a Branca de Neve ou a Bela Adormecida. Ela nunca poderá fazer o que ele faz e muito menos melhor. Os homens e as mulheres são diferentes, absolutamente opostos. O bom pai nunca poderá ser confundido com a péssima mãe. Suas qualidades são diferentes, polares. Onde ele é ereto, ela é mole. Onde ele é ciente, ela é dormente. Onde ele é ativo, ela é passiva. Onde ela é ereta ou ciente, ativa, ela é má e deve ser destruída.

É, estruturalmente, ao menos, simples assim. Ela é desejável em sua beleza, passividade e sua opressão. Ela é desejável, pois é bonita, passiva e oprimida.

A sua outra personalidade, a mãe perversa, é repulsiva em sua crueldade. Ela é repulsiva e deve ser destruída. Ela é a fêmea protagonista, a fonte não masculina de poder que deve ser derrotada, apagada, antes que o poder masculino possa completamente florescer. Ela é repulsiva porque ela é má. Ela é má porque ela age.

Ela, a personalidade perversa, é um canibal. Canibalismo é repulsivo. Ela é devoradora e mágica. Ela é devoradora e os machos não devem ser devorados. Há duas definições de mulher. Há a boa mulher. Ela é uma vítima. Há a má. Ela deve ser destruída. A boa mulher deve ser possuída. A má deve ser morta ou punida. Ambas devem ser anuladas.

A mulher má deve ser punida e se ela é punida o suficiente, ela se tornará boa. Ser punida o suficiente é ser destruída. Há a mulher boa. Ela é a vítima. A postura de vitimização, a passividade da vítima demanda abuso. As mulheres se esforçam a passividade porque querem ser boas. O abuso evocado pela passividade convence as mulheres que elas são más. A má precisa ser punida, destruída, então elas poderão se tornar boas. Mesmo uma mulher que conscientemente se esforça a passividade, às vezes, faz algo. Ao que ela age, o abuso é provocado. O abuso provocado pela ação a convence que ela é má. A má precisa ser punida, destruída, então elas poderão ser tornar boas.

A moral da estória deveria, alguém pensaria, evitar um final feliz. Não evita. A moral da estória é um final feliz. Ele nos diz que a felicidade para uma mulher é ser passiva, vítima, destruída ou dormente. Ele nos diz que a felicidade para a mulher que é boa – inerte, passiva, vítima - e que a boa mulher é uma mulher feliz. Diz a nós que o final feliz é quando estamos acabadas, quando nós vivemos sem nossas vidas ou de modo nenhum.